







10/2/95

... não foi
... do lado
... de 1940
... para a
... Exposição
... Litografia
... São Paulo
Livro sobre a
Paulo Riquini sobre
no Museu de Arte de

O AMOR-PERFEITO

JORNAL CRITICO JOCOSO E INSTRUCTIVO.

PROLOGO.

Eis-nos trilhando a senda do jornalismo!... Eis-nos fazendo gemer os prélos, e já suppondo que temos uma reputação collossal, um nome illustre nos annaes das Lettras!... Eis que encetamos a viagem n'essa vereda tão semeada de espinhos, tão eheia de rodeios e precipicios, e tão difficil de eaminhar!...

A imprensa periodica é um mar perigoso, em o qual a cada momento, se encontram mil syrtès, e innumeraveis cachopos naufragosos, onde o palinuro, por mais experiente, que seja, vê-se muitas vezes em risco de naufragar!... E quantas outras, man grado preze a vida sempre ehara, encontra a morte n'esse pelago insondavel?!... Mas, que valem reflexões, quando um ente racional intenta uma empreza, e jura leval-a ao cabo, por mais arriscada, e difficil-tosa que seja?!...

O homem é a peor animal e o mais teimoso, que conhecemos, e nem para proval-o seria mister ir muito longe. Poderiamos citar milhares de exemplos em nosso apoio; o que não fazemos agora, porque o não julga-

mos mister para o nosso assumpto. E quando mesmo apparecesse algum individuo que nos compellisse a exhibir factos, com a sua propria *teima* provariamos exuberantemente o que acabamos de referir.

Ora, beu conhecemos o risco que temos de correr n'esta aventureosa empreza, e as innumeradas difficuldades, que nos empre superar: mas o que é que se faz, sem trabalho, n'este valle de lagrimas?... — *Labor omnia vincit* — Temos diante dos olhos; e consciuos de que o trabalho tudo vence, trabalharemos constantes... e bem pagos ficaremos, se algum fructo, posto que immaturo, colher o publico, de nassas penosas fadigas.

Demais, não suleam igualmente o temivel pelago da Imprensa, possantes *náus*, e humildes *chavecos*?!... Não temos visto tantas vezes fraquissimos *bateis* navegar empavezados e ufanos chegar ao almejado porto?!... Seremos nós somente os infelizes naufragos?!... — Deus o não permittirá por certo.

Demos ao nosso pequeno *esquife*... (não se assustem que não é de conduzir mortos) o engraçado nome de — AMOR-PERFEITO —. Nem s'espantem; porque, segundo a *grammatica*, a qual,

O Amor-Perfeito.

se nos não enganamos, deve ser conhecida dos nossos leitores,—o nome e uma voz com que se dão a conhecer as cousas—; isto é:—boas e más,— não podendo influir, por consequencia, nas qualidades ou attributos das pessoas ou cousas. E para prova d'esta asserção, bastará dizer—que ha cousas, e pessoas tão parecidas com os nomes como a luz com as trevas.—Mas, no caso presente, trataremos de empregar todos os meios a nosso alcance, para que possamos desempenhar, se for possível, o lindo nome, que adoptamos.

O AMOR-PERFEITO, se apresentará ás vezes alegre e prazenteiro,—se o tempo estiver bom, e a estação for propicia; murcho, e sentimental,—se o *sudueste* o quizer desarraigar, e o *sol do verão* reduzil-o a misero pó; critico e picante, porém com decencia,—se o circumdarem hiervas agrestes, e o quizerem, por força, acanhar, e fazel-o fenecer antes do tempo; espinhoso, e eriçado,—quando se lhe approxime alguma *serpe venenosa*, com o intuito de feril-o.

Mas, em qualquer d'estes easos, será sempre modesto e attencioso para com o—Bello-Sexo, pois que é flôrzinha sempre apreciada das Bellas, e não quer perder, por motivo algum, o bom conceito, de que goza.

Aceitará, para fazer incluir em suas columnas, tudo quanto lhe quizerem offertar, sendo escripto em estilo decente e correto.

Esforçar-se-ha por tornar-se variado e interessante, juntando a uma critica razoavel, e bem dirigida, uteis

e proveitosas lições, que sempre serão unidas ao mais delizioso recreio.

Em conclusão:—se para alguns formos—*silva espinhosa*,—para a maior parte contamos que havemos de ser sempre—

AMOR-PERFEITO.



REVISTA THEATRAL.

UM dia d'estes que pertencem ainda—*par droit de conquête, et par droit de naissance*—á semana de que hoje é o ultimo dia—andava eu passeando no salão do theatro de S. Pedro, com o maior conquistador do bello sexo, que por abi campêa. O TAMERLAO, é um mancebo elegante, janota *pur sang*, physionomia arabe, olhos vivos e penetrantes, bigodes povoados, e graciosamente retorcidos, talhe esbelto, e traje simples, mas bem composto. Se trouxera umas botas á Frederico, uma farda branca de largos canhões vermelhos, um chapéo de *trois cornes* e uma d'estas espadas que carregavam denodadamente em Nerwende, ou em Fontenay, seria o mais aprimorado capitão de dragões de Luiz XIV.

Então, finalmente, sahio-se com uma descripção apaixonada; disse-me elle interpellando-me, como se eu tivesse professado, e cingido o cilicio de TRAPPA.

— Como? interrompi eu.

— O baile do Cassino inspirou-o.

— Nem lá estive....

— Mas a sua Ella, que sahio em certo jornal. como a borboleta surgindo do estado de chrysalida.

— Está enganado. Nunca me servi do jornal para namoros typographicos. E' uma cobardia. E' peor do que metter cartas de amores pela greta da porta, ou deixar o coração ás furtadellas, esmagado entre duas folhas de um album.

— Então não era o seu retrato?

— Quero dar-lhe um preceito critico, e hermeneutico. Quando nas chronicas da *Revista Theatral*, como no mostrador do *Desmarais* vir trouxas d'ovos e alcorcas, attrahua-as ao meu collega, que tem a desventura de ser solúvel como assucar nas agnas de Cythera.

— Não, solúvel não é. E' esthetico, ama o bello, devora-o.

— Tome-o como quizer. Fique aqui entre nós. E' uma predisposição d'alma. O bello admiro-o, descrevel-o não posso. O vocabulario ou é muito curto ou muito safado: Não podendo rasteal-o, acolho-me aos monossyllabos, ás interjeições, etc.

— Quer um conceito que eu já tinha formado?

— Qual?

— Custava-me a crer que fosse sua aquella lamuria.

— Porque? disse eu, já quasi arrependido de lhe haver dado as premissas para tal consequencia.

— Essa é boa! A sua physionomia não mente. Lê-se-lhes nos olhos o indifferetismo.

Aqui me puz eu a scismar, e achei que n'este oraculo estavam incluídos dois juizos contrarios. Um d'elles fazia de mim um homem serio, grave, inflexivel, prudente, uma especie de Endymion, insensível ás frechas de Diana. Era lisonjeiro; mas o outro era pungente. Dava-me carta de sceptico, votava-me ao ostracismo, quebrava-me gratuitamente a corda do sentimento, e encanecia-me os cabellos em um momento, como a perda de seis manuscritos gregos os tinham feito alvejar, d'um dia para outro, ao philologo Guarini.—Consultei comigo a ponderação do negocio; reflecti que ainda não tinha completado os annos em que a prudencia e principalmente o senso, e as tranquillidades electoraes empurram a gente para as freguezias...., colligi reminiscencias, entrei no theatro,—folhiceo aquelle livro sibylino

que se estende desde as torrinhãs até as frizas para achar a minha pagina, amoleci a alma, torci as palpebras com força para se me abrirem, melhorei os olhos, procurei convencer-me de que me encendia o peito uma paixão volcanica, arrebatei-me, torci-me, suspirei, e embriaguei-me n'um estado da alma que participava do enlevo do extasis e da prostração do delirio, trazendo á memoria todos os amores entusiasticos, e ardentes, que povoam os fastos do sentimentalismo desde a poetisa de Lesbos, até ás negruras romanticas de Werther, e d'ali ao ideal incomparavel da *sympathia platonica*, e infeliz de Julia e Raphael.

Alargava-se-me a alma com vezes. O volcan rebentára para dar relevo á monotonia do plaino. Desde então julguei que entrara a frequentar a suavidade das regiões bem-aventuradas de Dante, de Petrarca, de Byron. Tinha na cabeça como delineada e prompta a fabula inteira de uma epopeia de amor. Entrara a conversar com os mysterios do sentimento. Tinha apreciado o padecer de Heloisa, provado a taça de fel de Herpanti, chegado a decifrar a metaphysica do suicidio de Werther.

Tinha-me submettido a uma metamorphose provocada, e como que artificial. Cingiam-me agora as roupagens vaporosas dos apaixonados, sentia os pes despegarem-se da terra, e tinha como umas velleidades de voar. Mas as azas? — Esmoreci concebendo que me faltava este orgão sobrenatural.

As azas dá-as a linguagem, o estylo, o colorido, e a riqueza da elocução.

Era lastimoso este convencimento da insufficiencia de todos os vocabularios. Desejei realisar a unidade da arte na sua maior plenitude. Suspirei porque a palheta se identificasse com o verbo,—que o buril se aliasse ao pincel,—que o rythmo se fundisse com as proporções da statuaría,—que o vocabulo se absorvesse de novo na unidade pantheistica do templo. Eu não queria ser

O Amor-Perfeito.

Raphael, porque as madonas dormem acordadas na tela. Rejeitava ser Canova, porque as Venus são pallidas e frias, como se dormissem ainda nas pedreiras de Carrara. Olhava ao Solcio a Musa de Byron, ou de Lamartine, porque as Haidées, e as Julias ficam invisíveis sob o véu cerrado dos periodos poeticos. Detestava Bellini e Verdi, porque a harmonia stringindo-me o sentimento, cegava-me para criar ás apalpadellas em busca das Normas, e das Elviras, que me fugiam nas azas dos zephyros. Desejava ser mais do que isto. Queria uma palavra, uma côr, uma linha, uma nota, que resumisse mysteriosamente todas as manifestações do bello n'um syncretismo impossivel; almejava um talisman, um sopro, um conjuro, com que reproduzisse n'um momento o que eu sonhava no fando d'alma; porque o amor só dura um momento. Ai d'elle se chega a durar o que vivem as folhas do arbusto! O amor só tem duas estações,—a primavera, e o estio—. A primavera para abrir—o estio para morrer. A primavera para se refrescar com o bafejo da viração, que embala o sentimento sem irrital-o; o estio para lhe dar-dejar os raios do sol que o abrazem; a primavera para crêr e esperar; o estio para gozar e soffrer. O outono não o consente o amor, que não seja para as lagrimas; o inverno para as saudades. Deve a flôr colher-se de prompto para que se não mirre na arvore. Mais vale haurir-lhe o perfume um só dia na jarra de Sevres, do que vel-a ir cedendo ao tempo no ramusculo da arvore. Tudo tem principio, meio, e fim. O meio suppõe a primasia sobre os seus extremos. No principio cresce-se; no meio para-se; no fim declina-se. Do nada ao nada passa-se por uma existencia gradual: o amor é excepção. Ou não nasce, ou aborta, ou cresce sempre. Fezhae um baobab gigante dos tropicos nas estufas da Europa. Entestou com as vidraças do tecto, roçou por ellas; mas a seiva não parou, as fibras continuaram a

robustecer. Não esperéis que desca, e se encurte gradualmente para se sumir de novo nas cotyledones. Não: estala-se o vidro, a temperatura torna-se-lhe insolente, o clima ha de lhe enregelar os tecidos e a planta morrerá.—Ali tendes o amor.

Quando verdes as aguas recrescer tumultuosas no lago, e bauliar as cumiadas da margem, tende o diluvio por certo e fugi. A alma tambem transborda. Quando o amor se espriair pelo infinito, não lhe esforceis o envoltorio deixai-o que estale. Perdestes o gnzo no presente; vivereis nn passado. A saudade do que se perde pinge, mas deleita. A saciedade do que perdeu as prenicias da nnvidade, enoja e martyrisa. Escolhei entre a suavidade da alma e a desordem dos sentidos.

Era assim que eu dizia, quando ouvi a palavra *horriavel*... que horror! que horror! O *Artista* ja não tem dias destinados. Vou á imprensa!..... vou á imprensa.... Mas o que... o que é, redargui eu, e pondo-me a abanar-lhe o rosto com um lenço de cambraia de linho, que não era meu.... Nada.... Nada... uma desfeita d'estas: preferir o corpo.... á alma.... Que horror... Preferir o perna torta ao elegante, ao dandy, ao tudo!... Preferir a venta atulada de tabaco, que cuja havia descripto com todas as forças da elocução!!... A mim!... a mim! que morro por ella?!... Foi então que percebi que se representava o Barbeiro de Syvglia, composição d'este... poesia d'aquelle. — A Sr.^a Ida Idelvira—este passarinho da primavera trina, gorgeia e dá taes saltinhos nas cordas d'alma que mais não pode ser!— Eu tambem morro por ella!... Mas sempre o mesmo?!. Isso não passarinho, trina n'um canto igual tudo quanto a poesia do autor deramou de dentro d'alma em cada nota... segue assim, e olha... olha que harmonia se repercute em todos os ouvidos, em todos os corações, e que accentos tu tiras e fazes ouvir em cada nota d'orquestra que se mistura com os jorros do teu sentimento: não fa-

cas calar d'outra soite e tão barbaramente a melodia pura d'alma onde existe toda a expressão da vida! O Sr. Brunacci continua com os seus padecimentos de larynge, e nas articulações da perna esquerda, e já agora uma vez que o folhetaista do *Mercantil* nos declarou que este Sr. era mesmo de facto e de direito — *et par droit de conquête, et par droit de naissance*—coxa—pode-se declarar — porque longe de haver pronunciação — haverá o respeito e a compaixão que o seu pouco mérito *artista* reclama. O baixo constata-nos que todos os dias faz preces com muitos padres nossos e avc Marias—para que a *parterre* não cáia uma noite em si..... O baritono é um homem que canta como muitos que por ali se ouvem... esforça-se por nos agradar é verdade; mas a sua larynge precisa muito descanso e reforma— Vá para o Morro Queimado, com vencimento por inteiro, provada e justificada, com authenticas certidões, a molestia— e isto tudo bem reconhecido— porque não quero vê-lo ir despoticamente entre dois pretos!... Olhe o bichinho da Caixa!... Olhe essa caricatura que por ali anda— que mesmo assim pareceria spectro, ou mumia; se lhe não cahisse de vez em quando o fedorento pingo do rapé!..—Basta meu amiguinho!

Não precisa fazer acto de *contradição*; mas creia que vamos no numero seguinte chamar á authoria os accionistas, para que lhe tomem estreitas contas.... Vm. anda muito arredo — Deixe-se de jornaes, e muito mais de um tal qual tem.— E' de fórmula!... Mas como o redactor cahiu na esparrella, é que eu não sei, aconselhámos que se segure, senão leva codillo, e se quizer pedir resposta á tal eriança, não aceite, porque abafa sempre os azes!.....

O Lago das Fadas foi perfeitamente em tudo. A 1.ª dançarina enloqueceu-nos mostrou-se eximia e encartadura ainda, nas mais subidas difficuldades: o corpo de haile é a vergonha do theatro, pernada, cabeçada e

pontapé, que ferve, e a menos de real. Recommendamos quem competir que mande essa gente para Petropolis, afim de a a se abastecer a colonisação tão necessaria como proveitosa n'este santo paiz!.....

Por hoje não podemos mais, não só por falta de espaço, como porque são horas de almoço, e eu depois não trabalho... Até domingo... Adeus.. sem mais... Ora então!... Adeus!....

O MONTANHEZ



VARIEDADE.

Um homem de espirito, e simultaneamente muito instruido, e bastante desgraçado, cuidou que preencheria um pequeno logar, um tanto lucrativo, tão bem como qualquer tuba de parvos convenientemente pagos, e que só curava de sua felicidade. Requereu um emprego; porém não tinha patronos, e é corrente que o merito só, nao póde proteger; gastou em balde tres ou quatro requerimentos que, segundo velha usança, não foram presentes ao monarcha.

Cansado, impaciente e cada vez mais pobre, lembrou-se de um estratagem, que não seria indigno de um corteção. A necessidade ás vezes é mãe de idéas felizes, e elle creveu com todo o cuidado um pequeno bilhete, que dirigiu a — S. M. o rei de Roma. — Pedia um emprego de seis mil francos, o que *era muito modesto*.

Com o coração palpitando de esperanças, foi em busca de um official general, familiar á pessoa do imperador; confessou-lhe o apuro em que se achava, mostrou-lhe o bilhete, e disse lhe: « Senhor, farieis ainda uma acção generosa, e grangearieis direito á minha eterna gratidão, se me facilitasseis o meio de entregar este papel ao impera-

dor. — O general que era tão tratavel como valente, levou o petionario á presença de Napoleão.

O imperador tomou o bilhete, reparou no enderço, e ficou agradavelmente surpreso. — Senhor, disseram-lhe, é uma petição a S. M. o rei de Roma. — Muito bem! respondeu o imperador; levem a petição a seu destino.... O rei de Roma tinha então seis mezes. Quatro camaristas tiveram ordem de conduzir o requerente á presença da pequena magestade. O solicitador não se acanhou; via sorri-lhe a fortuna. Chegando-se ao berço do principe, desenrolou o papel, e deu d'elle leitura em alto, e bom som, depois dos mais respeitosos cumprimentos. O meunorrei balbuciou alguns sons durante a leitura, e não respondeu á súplica. O cortejo saudou o pequeno monarcha, e o imperador perguntou que resposta tinha havido.

Senhor, S. M. nada respondeu.

Quem cala consente, respondeu Napoleão: está despacliado como requer.



POESIA.

O BARDO.

Mal que os seus princiros vóos,
Tremendo, a razão tentou,
Amor invadiu-lhe o peito,
Seu coração suspirou.

E sêde ardente o devora,
Que elle não sabe matar;
Que a doce causa do incendio
Não póde o triste encontrar!

Se ouvia trinar saudade;
Da roseira n'um raminho,
Pousado o cantor plumoso,
O innocente passarinho:

Suppunha amor esse canto,
Que em sua alma se embebia,
Tão terno, que arrebatava
Sua tenra phantasia.

Mas as margens d'um ribeiro,
Vendo fugir-lhe a corrente
Por sobre os alvos seixinhos
Pouco a pouco e brandamente,

Logo mudava de idéa,
Esquecia-lhe o cantor,
E todo só no ribeiro
Concentrava o seu ardôr.

Quando a leda primavera
Bordava o campo de flôres,
E o campo se embalsamava,
Resplendendo mil odôres:

Elle era amigo das flôres,
Do campo, que se esmaltava,
Do grato aroma orvalhado,
Que alegre ali respirava.

Mas ah! não durava muito
Do novo affecto a firmeza,
Tocando o zenith a lua,
Namorava-o com a belleza!

E a aurora candida e pura,
Que banha as faces no mar,
Vinha breve entre perfumes
Sua memoria apagar,

Até de angelica nymphã
A extremada formosura
Não tinha asylo em seu peito
Contra o olvido segura!....

Mas oh! porque assim elle era,
Como o beija-flôr ligeiro?
Porque pelo amor recente
Suffocava o amor primeiro?!

Porque errava duvidoso
Da borboleta ao jasmim,
Da rosa ao cravo elegante
Sem á escolha pòr um fim?!

Não te assuste, ingenuo vate,
Terrível accusação:
Acaso, seria um crime,
Seguires o coração?!

Ah! nunca foste inconstante,
Teu segredo alfim roubei;
Vigiei, segui teus passos,
Té que o abysmo penetrei.

D'incerto não sabias
Vêr teu engano singelo;
Um só ser pôde agradar-te,
Prender-te assiduo o desvelo.

Vem do céu, como um reflexo,
Que o sol dardeja, o teu bem;
Como o sol tudo abrilhanta,
Elle abrilhanta tambem.

Do passarinho o gorgeio,
O serpear da corrente,
A lua, o prado florido,
Como a aurora alvi-nitente.

Se tua attenção roubavam
Por seus mimos, seu primor,
E' que bellos procederam
Do pincel do grande autor.

Nos lindos olhos da virgem,
Cheios de graça e pureza,
Tu não amavas os olhos,
Adoravas a belleza.

Assim, na pompa da noite,
Nos resplendores do dia,
No som queixoso das vagas,
D'universo na harmonia.

Flór.

A abelha, que de continuo
Passeia de flór em flór,
E' pelo cheiro attrahida,
Que rompe d'almo licór.

Olha-a, e vê a historia tua;
Como ella incerto vagaste:
S'ella ama o nectar de Flora,
A belleza sempre ama-te.

Oh! d'esse amor sacro-santo
O fogo não se extinguiu;
Por castas mãos avivado,
Perenne clarão luziu!

Cada instante n'elle queimas
D'arabio incenso mil bagas,
Que em fumo no ar s'enrolam,
Como no oceano as vagas.

Sóbe o aroma, como um anjo
Até aos pés do Senhor,
Que no seu throno o acolhe
C'um sorriso approvador.

ANTONIO CEZAR DE BERREDO.



RECORDAÇÕES.

O' premier promenade de l'amour!
il faut que votre souvenir soit bien
puissant, puis qu'après tant d'années
d'infortune, vous remuez encore le
coeur du vieux Chatás.

ATALA — CHATEAUBRIAND.

Por este prado
Com os meus amôres
Brincando andava
Por entre as flôres.

Já mais tratavel
O sol luzente
Sumia ao mundo
Seu rosto ardente.

Subtil favonio
Ledo adejava,
E á Flôra beijos
Brincão furtava.

Limpido arroio
Ao chão verdoso
A face amena
Regava airosa.

Fragante lyrio
Com seu candôr
Lindo avivava
Da rosa a côr.

O alado bando
D'entre os raminhos
Cantava em coros
Ao pé dos ninhos.

Canções sonoras,
Do verde oiteiro,
Soltar se ouvia
O pegureiro.

D'Eusina ao lado
Com taes delicias
Fazer soá-lhe
Eutão caricias.

De mil boninas
Que amor juntava,
Mimoso ramo
Lhe offertava.

Ora enlevado
Em seus beicinhos
Libava ardentes
Fieis beijiuhos:

Ora em seus olhos
Os meus fitava
E n'elies lia
Que m'ella amava.

As mudas provas
Do meu amôr
Cessou a ingrata
Com o seu rigôr.

Sósinho agora
Aqui vagando,
Saudoso d'ella
M'estou lembrando:

D'Eusina a ausencia
Cortou-me o ser.
Meus dias finda
Cruel viver!

FREDERICO JOSÉ CORRÊA.



CHARADA.

A charada seguinte obtivemos de um nosso amigo pharmaceutico, na occasião em que a ia embrulhar em uma porção de *campora*, (droga que está agora no galarin!) por achal-a muito mal feita, o que tivemos occasião de verificar; porém como consagramos particular estima aos medicos e boticarios, (perdoem-nos a sua ausencia) aqui a consignamos, para prazer seu, e trabalho de quem a quizer *desenrolar*.

Na cintura das mulheres,
Dos homens, e em Portugal; — 1
O meu trabalho ao vivente,
Dá sustento, e não faz mal. — 1

No tronco mais elevado,
E no mais pequeno arbusto;
Nas pennas de qualquer ave
Me hayeis de encontrar sem custo. — 2

Fórmo palacios, cidades,
Longos mares, fertes prados;
Mas, que sina! sou composto
De frageis papeis pintados!

Typ. CLASSICA de F. A. de Almeida
rua da Valla, 141.